

# LUA NOVA DE FEVEREIRO

---

*Ficção e realidade no retrato  
da última ditadura militar  
do Brasil, revelado  
por Ricardo Brugni-Cruz*

---

*Cid Seixas*

A FORÇA E A FORÇA – Os países da América do Sul padecem, desde as origens coloniais, de um mal muito grave que contaminou as suas forças armadas, quase como um todo. Se no mundo bárbaro, os guerreiros representavam perigo para o seu próprio povo, com o avanço da civilização, os exércitos

ascenderam à condição de respeitáveis instituições de estado. Nos países mais representativos da civilização, as forças armadas existem para cumprir os ditames institucionais, em estrita obediência às decisões previstas em lei.

Não é isso que se dá nas chamadas *repúblicas de banana*, expressão altamente pejorativa que nos envergonha e caracteriza. No caso do Brasil, o Segundo Império nos preparava para constituir uma nação moderna e altamente civilizada.

Com a abolição da escravatura, os poderosos senhores de terras, bens e gentes se voltaram contra o poder moderador do Imperador Pedro II. Coube ao Exército intervir no processo, forjando um novo regime, apelidado de República e, forçosamente, comandado pelos generais. Instituiu-se uma nova ordem, na qual o papel das instituições armadas do País não mais seria a sua

defesa, mas o juízo final sobre os caminhos e destinos de todos. Com o Marechal Deodoro da Fonseca, o Poder Moderador foi, por força das armas, transferido do regente do Império para cada um dos futuros soldados da pátria. E este poder vem sendo exercido, como se fosse um direito de herança, conquistado desde os tempos do imperador. Vejam-se quantas vezes a ordem institucional foi quebrada por interferência das forças destinadas a assegurar a sua manutenção. São muitas, na tumultuada história da República.

Sempre que as instituições e poderes entram em choque ou divergência, a força das armas chama a si a responsabilidade de pronunciar a sentença final, suprema e irrecorrível. Este, porém, não é, em lugar nenhum, um preceito democrático nem legítimo, vigorando apenas em países pouco respeitados no concerto das nações ocidentais.

Mas como convencer os detentores deste Poder Supremo a abdicar daquilo que consideram sua “legítima” e “natural” prerrogativa? Seria tão difícil quanto convencer os Talibãs que Alá não lhes deu o poder de decidir a sorte ou a morte de seu povo.

É essa estranha e similar realidade brasileira que serviu de cenário para que fossem escritos muitos dos livros sobre os acontecimentos desencadeados no país, a partir de interferências militares indevidas.

FICÇÃO E REALIDADE – Ricardo Brugni-Cruz, autor do romance *Lua nova de fevereiro*, passou a integrar o vasto painel da Literatura Brasileira quando, em 1968, foi escolhido pela Editora Record, uma das mais importantes do país, para integrar a antologia *Doze Contistas da Bahia*. Seus textos passaram a ganhar espaço em jornais, re-

vistas e coletâneas, destacando-se o volume de escritores latino-americanos *K Iúgu of Rio Grande*, publicado na Rússia, em 1973, ao lado de nomes já consagrados, como Júlio Cortázar e outros mestres do gênero.

Mas o livro individual de estreia, *Roteiro para uma tempestade*, só veio a lume em 1982, pela Literarte, uma livraria e editora baiana de vanguarda. Em seguida, os novos livros foram surgindo, constituindo a trajetória marcante de um prosador que se espalhava desde o conto até o romance. Toda uma obra que trazia em si a marca da sua geração pós-modernista: um novo realismo, mágico, fantástico ou documental, destinado a dar conta dos assombros e tumultos de um tempo de ruínas e reconstrução.

Este novo livro de Ricardo Cruz está entre o melhor da sua produção que, a partir de 1991, com *Ben-*

*ditos Perversos*, experimentou um significativo processo de sazonalidade, adquirindo ritmo e domínio da escrita, em tudo e por tudo, notáveis.

Tendo vivido e testemunhado os dramas e conflitos da sua geração, supliciada por um embate de forças neocoloniais que condenou o Brasil ao mais longo período de aniquilamento das liberdades de toda sua história, a realidade da ficção do autor guarda, ainda sangrando, as marcas brutais da bestialidade humana.

O fio condutor da narrativa é uma aventura pelos mares descampados do litoral baiano, com sabor de histórias de pescador, para entreter e alegrar o ouvinte, mas os acontecimentos que conferem o mais amargo sabor de realidade ao livro dilaceram, por inteiro, a alegre aventura da pescaria.

Prepare-se o leitor para um testemunho que dá conta das atrocida-

des mais repugnantes da alma humana, ao focar a história de um casal que viaja para o Rio de Janeiro em busca da realização dos seus sonhos juvenis e inocentes. Como o país vivia o final dos inquietos anos 60, os personagens são tragados pelos acontecimentos e submetidos à perversa prática dos salvadores da pátria.

Mauro Santa Bárbara, de codinome Santo – um infausto capitão de mar e guerra que descobriu seu mais confortante prazer torturando e matando presos políticos – é o personagem desencadeador dos conflitos do romance *Lua nova de fevereiro*.

Através da fala do protagonista – um jovem preso por estar caminhando com a namorada pelas ruas do Rio, em um dos muitos momentos de conflito entre militares e simples cidadãos –, conhecemos bem de perto, graças ao poder de uma

narrativa testemunhal realista os acontecimentos dos chamados porões da ditadura.

Segundo a lógica dos carrascos, a presença suspeita de um casal jovem, vindo de outro estado, já era uma evidência da sua condição de subversivos, comunistas, ou inimigos de Deus, da pátria e da família.

Levado para as celas de quartéis e prisões, o personagem-narrador foi submetido a todas as formas de humilhação e abuso, onde a tortura física e a psicológica visavam o aniquilamento absoluto da condição humana.

Por uma dessas tantas linhas labirínticas do destino, muitos anos depois, restabelecida a ordem constitucional do país, torturado e torturador se encontram a bordo de um barco de pesca, sobre o mar bravio.

<http://www.linguagens.ufba.br/2022/ricardobrugni-cruz.pdf>